



XIV Seminário de Iniciação Científica
Universidade Federal de Juiz de Fora
15 a 17 de outubro de 2008



Área: Ciências Humanas

Projeto: PROPOSTA INTERPRETATIVA DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DE JUIZ DE FORA, MAR DE ESPANHA E CHIADOR

Orientador: Ana Paula De Paula Loures De Oliveira

Bolsistas:

Tatiana Versieux Figueiredo (X PROBIC 2007/2008)

Participantes:

Resumo:

Buscando compreender os processos de ocupação da Zona da Mata mineira, com ênfase nos sítios arqueológicos dos municípios de Juiz de Fora, Mar de Espanha e Chiador, desenvolvemos uma pesquisa com base em relatos etnográficos e etnohistóricos, visando, através desta, desvelar algumas características da organização social dos grupos pretéritos da região, posto que neste contexto encontramos registros arqueológicos associados à Tradição arqueológica Tupiguarani, muitas vezes associada a grupos falantes de línguas tupi, e relatos etnográficos dos séculos XVIII e XIX, que apontam para uma ocupação geral de grupos eminentemente falantes de línguas Jê.

Ao partirmos do pressuposto de que cada grupo étnico tem com sua produção material algum tipo de identificação, tornou-se necessária uma análise teórico-metodológica da arqueologia, buscando entender como as três principais correntes que influenciaram o ocidente desde o século XIX entenderam a pesquisa arqueológica e a questão da identidade. A Arqueologia Tradicional via no artefato o principal objeto de estudo do arqueólogo. A Processual e a Pós Processual deram mais ênfase ao processo cognitivo, mas ambas projetavam os valores da sociedade ocidental industrial para os grupos da pré-história. Optamos então por adotar a Arqueologia da Identidade, proposta por Almudena Hernando, que busca entender como os seres humanos adquirem uma imagem do mundo que lhes permite a sobrevivência operativa nele que deve ser dissociada de nossa própria identidade compreendendo que esta está culturalmente construída e que nos determina enquanto pessoa, coerente com as nossas condições de vida.

Através de estudos etnográficos, pode-se perceber que os grupos Jê possuem uma organização social denominada dualista, onde todos os aspectos de seu cotidiano são baseados na formação dialética de pares opostos carregados de antagonismos complementares. A organização social Tupi, por sua vez, tem sua estrutura baseada na trilogia Natureza (passado), Cultura (presente) e Sobrenatural (futuro), numa lógica evolutiva vertical. Elementos, que, em ambos os casos, se refletem na divisão do trabalho, nos serviços produtivos e rituais entre outros. Estes são apenas alguns exemplos de distinção social que podem se refletir na produção material de um grupo e que precisam ser contemplados no estudo arqueológico.

As documentações etno-históricas refletem que, de modo geral, a economia dos grupos tupi baseava-se preponderantemente na "horticultura de floresta tropical" em pequenas roças, tendo sua complementação na caça e na coleta, caracterizando uma maior capacidade de previsão, predição e controle dos fenômenos naturais. Os grupos Jê, por outro lado, aparecem nas fontes como não produtores de cerâmica, mais afeitos à caça e a pesca que a agricultura. Vislumbramos, desta forma, através de uma associação entre ambos os tipos de fontes e o estudo da cerâmica, a possibilidade de entendimento do povoamento indígena na Mata, através da identificação de aspectos da organização social e identidade desses grupos, levando-se em consideração que as peculiaridades regionais devem ser consideradas acima das classificações já existentes.